

DOSSIÊ - ENTREVISTA

Divulgação: Paulo Emílio



Prof. Me. Paulo Emílio de Castro Andrade

Biografia:

Paulo Emílio de Castro Andrade é presidente do Instituto Iungo. Professor do Instituto de Educação Continuada da PUC Minas. Doutorando em Educação (USP) e mestre em Educação (UFMG). É pesquisador do Núcleo Novas Arquiteturas Pedagógicas da USP. É especialista nas temáticas de formação docente, metodologias ativas de aprendizagem e projetos de vida.

Entrevistadoras:

Simone Aparecida Alves (SEEDF)

Sibele Ferreira Coutinho Pompeu (SEEDF)

Projetos de Vida e as juventudes na Educação do Século XXI

1. Professor Paulo Emílio, considerando sua extensa experiência profissional como escritor, pesquisador e seu trabalho voltado para apoiar os professores e estudantes da educação básica, especialmente com temáticas relacionadas à formação de professores, Projetos de Vida e Metodologias Ativas de Aprendizagem, gostaríamos de compreender sua visão sobre as juventudes, tendo em vista que o Sr. foi pesquisador do Observatório da Juventude da UFMG (2006 a 2008). Além disso, também gostaríamos que nos falasse sobre o que é um Projeto de Vida e sua importância no contexto educacional para os jovens.

Paulo Emílio - É importante mencionar que a juventude não se refere a uma faixa etária, mas a uma fase da vida. Nesse sentido, ser jovem é uma construção social - que pode variar entre culturas e sociedades - e abarca um conjunto de representações do que é juventude e do que permeia essa vivência em determinado contexto social e histórico.

Uma compreensão ainda presente no senso comum é que os jovens são indisciplinados, pouco afeitos a regras, desengajados da escola e dos grandes acontecimentos sociais, por exemplo. Quando nos aproximamos deles, seja no cotidiano ou por meio de pesquisas acadêmicas, observamos que essa visão é preconceituosa, já que não se sustenta quando confrontada a situações reais.

Recentemente estive na Amazônia e conheci um grupo de estudantes de Ensino Médio, que enfrentam um trajeto de canoa, caminhada e ônibus para chegar à escola. E mesmo diante de tamanho desafio, estão lá todos os dias, porque sabem da importância da educação para a ampliação de seus horizontes, para que possam construir relações com sentido e viver.

Olhar os jovens pelo que eles não são é também uma visão bastante limitada por não considerar a diversidade de modos de ser jovem e de viver essa fase da vida no Brasil. A juventude não é uma "massa" homogênea. A vida de uma jovem do Distrito Federal não se parece com aquela do jovem ribeirinho que eu conheci no Amazonas. E a vivência juvenil é diversa também dentro de um mesmo território, se considerarmos outros aspectos que conformam as pessoas e suas vidas: raça, etnia, gênero, contexto social, religião

etc. Daí o fato de, já há algum tempo, os estudos tratarem as juventudes no plural, de modo a reconhecer e valorizar a multiplicidade de aspectos que permeiam as pessoas jovens e, ao mesmo tempo, evidenciar que suas experiências são múltiplas.

Muitas vezes, os jovens ainda são vistos, na escola e fora dela, como um problema a ser contornado. Na verdade, deveriam ser vistos como sujeitos de direito e parte essencial da construção de soluções para os complexos problemas de nossa sociedade. Seus repertórios de conhecimentos e experiências, suas visões de mundo, seus posicionamentos, seus modos de ser e de agir fazem e farão diferença positiva na escola, na comunidade, na cidade e no país. Nós, adultos, em articulação com os jovens, precisamos garantir a efetivação de políticas públicas de qualidade em campos diversos, como na educação, na saúde e no transporte. Estudar em uma escola que dialogue com os seus contextos, interesses e anseios, que garanta condições para construir escolhas significativas para suas vidas no presente e no futuro, é uma necessidade e um direito. Ter acesso a um sistema de saúde que acolha suas singularidades e atenda suas variadas demandas de saúde (seja de prevenção, de tratamento ou de promoção) é uma necessidade e um direito. Ter a possibilidade de circular pelo espaço, urbano ou não, de modo a interagir com o outro e com o meio em que vive, a participar dos acontecimentos desse contexto, a usufruir das oportunidades de lazer, de cultura, de educação e de trabalho, é uma necessidade e um direito.

Voltando nosso olhar para a escola, apoiar o desenvolvimento integral dos estudantes é urgente. Chamo atenção, com isso, para o fato de que a escola não pode se limitar a promover a aprendizagem dos conhecimentos tradicionalmente trabalhados. Tais conhecimentos são essenciais para a efetivação do conjunto de direitos de nossas crianças, adolescentes e jovens, mas eles precisam estar articulados às dimensões de vida dos estudantes. É fundamental contextualizar tudo o que se aprende para que cada aluno se desenvolva na dimensão pessoal - seus gostos, desejos, características, sonhos, forças, fragilidades etc.; na dimensão social - suas relações com as outras pessoas, percebendo-se como sujeito social, e suas interações com o meio em que vive, entendendo-se como parte integrante desse contexto, que usufrui das oportunidades que ele traz ao mesmo tempo em que participa da transformação positiva do mundo; e na dimensão profissional - pensar-se como parte de um contexto profissional, identificando caminhos para conectar-se com o mundo do trabalho, incluindo a possibilidade de continuidade dos estudos após o Ensino Médio. Isso é construir projetos de vida na escola: aprender conhecimentos relevantes; perceber-se nas dimensões pessoal, social e profissional; vivenciar situações de escolhas; constituir-se como ser que transforma a si mesmo, ao outro, ao mundo.

2. Em 2017, a Lei federal nº. 13.415 reformulou o Ensino Médio no Brasil, a partir dos resultados do INEP que apresentava altos índices de evasão e abandono e baixos rendimentos em Língua Portuguesa e Matemática. Com a aprovação da BNCC pelo Conselho Nacional de Educação-CNE, o Novo Ensino Médio preconiza que as escolas devem criar os espaços e tempos de diálogo com os estudantes, avaliando seus interesses e orientando-os em suas tomadas de decisão. Nesse contexto, torna-se fundamen-

tal o desenvolvimento do projeto de vida dos estudantes, para que se tornem protagonistas de suas histórias, com responsabilidade sobre a sua jornada de vida. Em que medida as mudanças implementadas no Novo Ensino Médio colaboram para aumentar o interesse dos estudantes pelos estudos e a probabilidade de que os jovens terminem a educação básica conscientes do que desejam para seu futuro, com grande chance de assertividade em suas escolhas?

Paulo Emílio - Nós, educadores, temos mil e um motivos que justificam a importância da escola para a vida das novas gerações. Mas não podemos nos esquecer: para os alunos, o que faz com que eles queiram estar na escola nos 200 dias letivos ao longo de anos e anos? São, evidentemente, diversas as motivações. Quero ressaltar a importância de escutarmos o que os estudantes pensam e desejam.

Ficar quatro, seis, oito horas em uma sala de aula exige compromisso, empenho e resiliência por parte dos estudantes. E, principalmente, compreensão de que o que estão vivenciando e aprendendo na escola tem um sentido em suas vidas. Ocorre que nas últimas décadas observamos um número significativo de jovens que estavam interrompendo suas trajetórias escolares, ao mesmo tempo em que boa parte dos que permaneciam no Ensino Médio não aprendiam o que era esperado. As causas disso são diversas, é bom lembrar. Mas o fato é que um dos motivos principais da evasão escolar é a falta de sentido da escola para os estudantes. A escola, do modo como se constitui na atualidade, dialoga pouco com as identidades, os anseios, as realidades juvenis.

O Novo Ensino Médio é criado nesse contexto, com a intenção de promover uma escola para as juventudes, valorizando as singularidades dos alunos, bem como a sua diversidade. Entendendo quem são os e as jovens que estão nas salas de aula todos os dias: seus gostos, interesses, sonhos, características, valores e visões de mundo. Mais que isso, propõe-se a avançar no entendimento de que a centralidade do processo educativo não está nos conteúdos, ou nos professores, mas nos estudantes e seu desenvolvimento. A participação efetiva dos jovens na escola passa a ser algo determinante para que possam aprender os conhecimentos e desenvolver um conjunto de habilidades e competências importantes para suas vidas. Participação que se efetiva não apenas na dimensão representativa, nos grêmios escolares, mas também nas aulas e projetos coletivos, por exemplo. Por meio das aulas e projetos curriculares, seja na Formação Geral Básica ou nos Itinerários Formativos, deseja-se que os jovens identifiquem problemas reais, significativos para si mesmos e para o seu contexto, configurando tais problemas em profundidade - por meio da realização de pesquisa estruturada - e construindo soluções criativas e viáveis para tais problemas. E que, nesse processo, vivenciem situações de maior complexidade, que demandem que eles façam escolhas importantes. Afinal, na vida, é escolhendo que se aprende a escolher com consistência! Esse processo é realizado com a orientação de professores - que são profissionais com experiência e conhecimento relevantes -, incentivo e apoio da equipe gestora e interação com um conjunto de atores da comunidade escolar. Um percurso como esse é extremamente desafiador, por isso, ao ser vivido, é muito potente para favorecer a construção de uma participação relevante para os jovens e possibilitar o seu desenvolvimento cognitivo, social, cultural e emocional.

É importante que as instituições escolares, em todos os seus âmbitos, sigam comprometidas com a construção dessa escola. Revisão do desenho dos currículos e da sua implementação fazem parte do processo e são necessários.

Destaco, aqui, a necessidade de apoiar o trabalho dos professores, tanto no que se refere à formação desses profissionais, quanto às condições de trabalho para que tantas inovações se efetivem. O que não se pode é perder de vista o horizonte. E o horizonte é o de garantir aos estudantes o direito a uma educação de qualidade.

3. A edição de novembro de 2019 da Revista Com Censo foi dedicada à discussão sobre as competências necessárias para viver bem em sociedade a partir da 4a Revolução Industrial, caracterizada pelo desenvolvimento de tecnologias digitais mais sofisticadas e integradas (SILVA e CARVALHO, 2019). Ser criativo, ter letramento digital, ser capaz de estabelecer uma comunicação dialógica, saber trabalhar em equipe, entre outras, são exemplos dessas competências. Que orientações o senhor sugere para criar um ambiente favorável para o desenvolvimento dessas competências nas aulas de Projeto de Vida?

Paulo Emílio - Para cada objetivo ou intenção pedagógica, há caminhos que se mostram mais ou menos adequados para se alcançar êxito. Uma professora experiente em alfabetização sabe quais métodos favorecem a aprendizagem das crianças. Um professor experiente de ensino médio sabe que uma boa aula expositiva, que incorpora os conhecimentos prévios dos alunos e prevê momentos de apresentação de conhecimentos pelo professor e de diálogo, pesquisa e produção entre os estudantes, também é um caminho potente para se aprender muitos conteúdos de sua área de conhecimento. Agora, para desenvolver determinadas competências, na escola e na vida, é preciso passar por circunstâncias de maior complexidade. Trago um exemplo: uma pessoa não aprende a fazer escolhas assistindo a uma aula expositiva. Por mais que o professor apresente critérios que possam ajudar a estruturar uma escolha consistente, é preciso vivenciar situações em que o estudante terá que escolher e refletir sobre a qualidade da sua decisão. Pensar sobre o que colocou “em jogo” ao tomar aquela decisão: escolheu conforme seus valores? Considerou seus gostos, pontos de vista, interesses? Pensou no seu contexto, nas outras pessoas? Ou seja, uma reflexão profunda a partir de uma experiência real de escolha. Infelizmente, na escola, poucas vezes os estudantes são chamados a decidir. Geralmente, tudo chega pronto para eles, pois as decisões são tomadas pelo mundo adulto. Até a definição dos integrantes de um grupo para a realização de um trabalho, às vezes é feita pelo professor ou por um “sorteio” - que é uma “não escolha”.

Como desenvolver competências como a criatividade, a comunicação, a resolução de problemas, a colaboração, entre outras? Um dos caminhos eficientes que muitas escolas têm trabalhado, cada vez melhor, é o desenvolvimento de ações na perspectiva da Aprendizagem Baseada em Projetos. São projetos desenvolvidos com forte participação dos estudantes, a partir do diagnóstico - feito por eles - de problemas reais na escola ou na comunidade em que a escola se insere. Nesses projetos, geralmente coletivos, os alunos desenvolvem um

olhar problematizador sobre o contexto. Aprender a enxergar e a compreender os problemas que estão por aí, no mundo, é fundamental. Mais do que isso, é transformador quando o jovem se coloca em movimento para trabalhar tais problemas: isto é, aprender as causas e as consequências desses problemas, os modos como eles afetam a vida das pessoas - de forma articulada aos conhecimentos tratados pela escola, acionando o que os alunos já sabem e possibilitando aprofundamentos - e, diante disso, prototipar soluções, imaginando caminhos para superar tais problemas, colocando a mão na massa. Adicionalmente, fazendo escolhas de modo colaborativo - o que não é simples, porque em um grupo há distintas perspectivas, interesses, percepções do que será melhor para o projeto. Nesse processo, eles vão acertar e errar, aprendendo com cada acerto ou erro, planejar e replanejar, já que um projeto não é fechado - ao contrário, prevê a possibilidade de revisão de rotas, a partir da avaliação permanente de quem o desenvolve, do processo e dos resultados. E, principalmente, o que chamo de uma dupla transformação: uma interna, que são as competências de maior complexidade que os sujeitos envolvidos no projeto desenvolvem. E outra externa, já que o projeto deixa marcas no mundo, transforma a realidade, promove novos conhecimentos, que são incorporados por aquele contexto escolar.

Compartilho o exemplo de um projeto que acompanhei de perto no Colégio Estadual Chico Anysio, no Rio de Janeiro, há cerca de dez anos. Tudo começou com a identificação, pelos alunos, de um problema relacionado ao desperdício de comida. Ao longo de alguns dias, separaram e pesaram em uma balança os alimentos que iam para o lixo após o almoço. Verificaram que o desperdício era significativo. Provocados pelos professores, aquele grupo de cerca de oito alunos do 1º ano do Ensino Médio levantou algumas hipóteses que justificariam aquele acontecimento. A principal delas foi que o sabor da comida não agradava aos estudantes, por isso, acabavam jogando fora boa parte do que estava em seus pratos. Para verificar a adequação ou não da hipótese, prepararam um questionário, aplicado junto aos colegas. O resultado mostrou que a maior parte dos alunos gostavam da comida oferecida pela escola, ou seja, o sabor não era um problema. Aos poucos, foram compreendendo que o que mais gerava as sobras era o fato de que a comida era colocada nos pratos não pelos próprios alunos, mas pela cantineira. E ela colocava a mesma quantidade para todos os estudantes, desconsiderando o fato de que cada um desejava uma quantidade diferente de arroz, feijão, carne, legumes e salada. Os alunos, diante disso, construíram um conjunto de ações: negociaram com a direção da escola a adoção de um novo modelo, em que os alimentos eram posicionados em uma mesa de buffet self service e cada aluno servia o próprio prato. Além disso, construíram uma campanha junto aos demais estudantes, voltada a conscientizá-los sobre a importância de não desperdiçar alimentos. Também dialogaram com a nutricionista da Secretaria de Educação, para verificar a possibilidade de ajustes no cardápio, atendendo aos gostos dos estudantes sem perder a qualidade nutricional. Ao longo daquele semestre, o problema de desperdício estava solucionado na escola. Tudo com muita escuta, diálogo, tomadas de decisão e conhecimento. Tudo com participação real dos jovens. Um projeto como esse na escola é, por homologia, um exercício de projetar a

própria vida. Os alunos passam a compreender que são capazes de identificar seus próprios interesses, sonhos, potenciais, características, problemas; de se perceberem como parte de um contexto, de um grupo, de uma comunidade; e que podem escolher como querem viver a própria vida, considerando todos esses fatores, fazendo escolhas de valor, lidando com barreiras que enfrentam. Numa escola como essa, todo mundo quer estar!

4. Relatos de professores participantes do Curso Projeto de Vida - Educar no Século XXI, oferecido pela Eape-DF, mostram que diversos aspectos podem interferir na qualidade das aulas de Projeto de Vida nas escolas brasileiras. Dentre estes, estão o fato de que várias temáticas trabalhadas nesta Unidade Curricular não são abordadas nas licenciaturas de um modo geral; muitos professores assumem as turmas sem a devida formação continuada, apresentam insegurança para ministrar suas aulas e entendem que devem atuar como “psicólogos” no trabalho com Projeto de Vida. Considerando esse cenário, como o senhor avalia que deve ocorrer a seleção de profissionais para lidar com essa Unidade Curricular? Que critérios devem ser utilizados para a avaliação/adoção de materiais didáticos? Como evitar o trabalho fragmentado dos conteúdos e das várias dimensões do Projeto de Vida, levando em consideração o desenvolvimento pleno dos estudantes, conforme preconizam os fundamentos pedagógicos da BNCC que se pautam em um compromisso com a Educação integral a partir da compreensão das singularidades e diversidades dos sujeitos?

Paulo Emílio - Antes de mais nada, é preciso considerar que não existe um curso de formação inicial de Projetos de Vida. Em outras palavras, nenhum professor brasileiro, até o momento, tem formação inicial nesse campo. Isso significa que o trabalho com projetos de vida na escola é uma grande novidade para a maior parte dos docentes de nosso país. Daí o entendimento de que há a necessidade de um trabalho forte de formação continuada, a ser liderado pelas secretarias de educação e escolas, e vivenciado pelos profissionais. Assim como um professor de Matemática realiza esforços sistemáticos de formação, estudando conceitos, experimentando metodologias, interagindo com colegas professores para partilhar práticas e desafios, espera-se que os professores de projetos de vida participem de formação permanente. Há um conjunto relevante de artigos científicos, teses, dissertações, livros, relatos de experiência e materiais pedagógicos que podem subsidiar os estudos e inspirar o trabalho dos docentes.

É válido mencionar, também, que os estudos relacionados a projetos de vida são importantes não apenas para os professores que trabalham esse componente curricular, já que conforme prevê a BNCC, Projetos de Vida vai além de ser um componente. Um propósito importante da escola é possibilitar que crianças, adolescentes e jovens se desenvolvam nas três dimensões de Projetos de Vida: a dimensão pessoal, a dimensão social e a dimensão profissional (nesse caso, especialmente aos alunos do Ensino Médio).

Temos uma geração de professores com experiência no trabalho com projetos de vida, no Brasil, uma vez que desde o início de 2010 há um conjunto de escolas trabalhando nessa perspectiva. Muitos são os aprendizados que eles têm a compartilhar. Um deles é que o espaço-tempo curricular voltado a

Projetos de Vida precisa ser recheado de momentos de escuta, diálogo, construção de conhecimentos, escolhas, ao invés de se constituir como ambiente marcado por uma abordagem psicologizante, em que o professor assume um papel de analista das questões emocionais dos alunos. Não parece ser esse o propósito do componente curricular, assim como, na maior parte dos casos, os docentes não têm formação para atuar como psicólogos.

Nesse sentido, o desenvolvimento de projetos como o que eu mencionei anteriormente pode ser um caminho promissor. A análise coletiva de dilemas sociais, também se coloca como caminho potente, porque convoca os estudantes a analisar situações complexas, ampliando conhecimentos, refletindo sobre seus valores, observando questões relevantes da sociedade e assim por diante. Exercitar o planejamento e a vivência de rotinas de estudo, interagir com profissionais de vários campos de atuação, realizar visitas técnicas a espaços diversos da comunidade e do município também são possibilidades instigantes, que podem vir a contribuir com a formação dos alunos.

5. Professor Me. Paulo Emílio Andrade, seu nome é reconhecido atualmente como Pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Novas Arquiteturas Pedagógicas da USP e Presidente do Instituto Iungo (desde 2020). Gostaríamos de saber como surgiu seu interesse por essas temáticas e como se deu o despertar dessa inspiração em sua trajetória acadêmica. Além disso, poderia compartilhar conosco quais autores o senhor considera referências nessa área e como eles podem instrumentalizar os professores em suas práticas educativas?

Paulo Emílio - Minha trajetória como educador teve início em 2000, quando dei minha primeira aula para um grupo de adolescentes de Belo Horizonte de um projeto social realizado pela ONG Humbi - Arte, Cultura e Educação. Eu estudava Comunicação Social na universidade e trabalhava com os alunos da ONG a perspectiva da análise crítica da mídia. Juntos, fazíamos a leitura de textos de jornais, revistas, rádio e televisão, com a intenção de compreender as mensagens que estavam em destaque, suas abordagens, perspectivas. Comparávamos as pautas da grande mídia com as pautas prioritárias para aqueles jovens estudantes de escolas públicas da capital mineira. Aquela experiência me marcou de tal forma que entendi que meu mundo era o da educação.

Nos anos seguintes, atuei em diversos programas educacionais, realizados por organizações não governamentais, muitos deles em articulação com redes públicas de ensino. Trabalhei na coordenação da Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia, em Belo Horizonte. O programa, do Instituto Oi Futuro, era realizado naquela cidade em parceria com a Associação Imagem Comunitária e tinha o objetivo de formar jovens de 15 a 29 anos em áreas como computação gráfica, design gráfico, vídeo e fotografia. Atuei, também, como especialista do Instituto Ayrton Senna, colaborando na concepção de referencial curricular de Ensino Médio voltado ao desenvolvimento integral dos jovens e na formação de professores e gestores de dezenas de escolas públicas em vários estados do país. Como consultor, participei da produção de conteúdo curricular e pedagógico, para apoiar o trabalho de professores, gestores escolares e técnicos de secretarias de educação de diversas organizações brasileiras.

Em 2020, veio a oportunidade de participar da criação do Instituto Iungo, organização que tem o propósito de transformar, com os professores, a educação do Brasil. Nosso foco é contribuir com o desenvolvimento profissional dos educadores da educação básica, ou seja, quem está lá na escola trabalhando para garantir o direito à educação de qualidade para todas as crianças, os adolescentes e jovens em todo o país. Desenvolvemos, em parceria com Secretarias de Educação, universidades e outras organizações do Terceiro Setor, programas de formação continuada, sempre gratuitos, conectados às necessidades dos educadores e customizados conforme o contexto em que atuam.

Em meio a todo esse trabalho, entendi a necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre o campo da educação, em especial, as juventudes, a docência e projetos de vida. No mes-trado, na Faculdade de Educação da UFMG, pesquisei a dimen-são educativa das ONGs, analisando a trajetória e o processo

de formação de um grupo de jovens de Belo Horizonte. No doutorado, que está na reta final, na Faculdade de Educação da USP, estou investigando o trabalho docente, em busca de compreender o que é ser um bom professor, considerando a perspectiva dos próprios docentes da educação básica das cin-co regiões brasileiras.

Nesse percurso todo, muitos foram os educadores e pensa-dores que me inspiraram. Nos estudos de juventudes, Juarez Dayrell, Marília Spósito, Paulo Carrano são alguns deles. Nos estudos sobre docência, Antônio Nóvoa, Bernadete Gatti, Jose Manuel Esteve, dentre tantos outros. Sobre projetos de vida, destaco William Damon, Valéria Arantes e Ulisses Araújo. Por fim, dois professores que deixaram marcas profundas em mi-nha trajetória, por sua capacidade intelectual e pela generosi-dade na relação com todos nós, “aprendentes”: Nilson José Machado e Antonio Carlos Gomes da Costa. ■